



com a palavra...

Um convite aos jornalistas

Aurélio Munhoz e Flávio Pedron *

Há dez meses, logo após a posse da nova diretoria do Sindicato dos Jornalistas do Paraná, a categoria ganhou um poderoso instrumento para a melhoria das suas condições de trabalho: a Comissão de Saúde do Sindijor. Para tornar esta meta possível, iniciamos nosso trabalho distribuindo um breve questionário com o objetivo de saber a quantas anda a saúde dos profissionais da imprensa do nosso Estado.

Mais tarde, inicialmente numa carta e depois num artigo veiculados pelo Extra-Pauta, convidamos a categoria a nos ajudar nesta luta denunciando-nos eventuais casos de problemas de saúde enfrentados por jornalistas paranaenses. Além disso, enviamos uma carta aos donos de órgãos de imprensa e entidades que contratam jornalistas alertando-os do problema e pedindo-lhes apoio para tentar resolver este problema ou, ao menos, minimizá-lo.

Os resultados destas iniciativas, porém, ficaram muito abaixo da nossa expectativa. Não tanto em relação aos padrões porque, obviamente, não éramos ingênuos a ponto de supor que algum deles fosse nos telefonar manifestando sua intenção de fornecer todas as condições de trabalho adequadas para o

desenvolvimento da nossa atividade profissional. Salvo um ou outro caso, os donos dos meios de comunicação do Estado estão mais interessados em contabilizar seus lucros que em qualquer outra coisa. Logo, não esperávamos mesmo resultado diferente deste.

Já no caso dos nossos colegas de imprensa, o caso é bem diferente. Recebemos poucas denúncias de problemas de saúde entre jornalistas. E, o que é mais grave: na grande maioria dos casos, estas denúncias partiram de colegas ou de ex-colegas de trabalho que, no entanto, pediram-nos para não levá-las adiante. O silêncio da categoria preocupa-nos – e muito. Até porque, obviamente, não resulta do fato de os profissionais da imprensa do Paraná gozarem de ótima saúde, não enfrentarem o absurdo stress diário da profissão e nem problemas relacionados às DORT (Doenças Ocupacionais Relacionadas ao Trabalho).

Fazemos a mea culpa neste processo. Não adotamos a estratégia adequada para fazer as denúncias surgirem com a frequência que imaginávamos. Não imaginávamos que o receio dos jornalistas de sofrerem alguma represália seria um obstáculo tão grande no nosso caminho. Compreendemos este receio, já que conhecemos bem o

conservadorismo, a prepotência e a falta de sensibilidade característicos da grande maioria dos donos dos órgãos de imprensa do nosso Estado. Mas gostaríamos de fazer um lembrete importante aos colegas de profissão que possuem algum tipo de DORT: uma postura passiva diante do seu problema de saúde só tende a agravá-lo. Por isso, insistimos em nos colocar à sua disposição para tentar ajudá-lo a resolver o problema.

Não pretendemos nos limitar a isso, porém. Por este motivo, a partir de agora, vamos mudar nossa estratégia de ação. A nossa atuação será fundamentalmente preventiva, educativa. Vamos iniciar, nesta semana, um trabalho destinado a obter o apoio da iniciativa privada para viabilizar a impressão de um nova cartilha “Saúde, jornalista!”, que o Sindijor já publicou há quatro anos e que não conseguimos reeditar ainda por falta de recursos.

Além disso, pretendemos produzir um panfleto – em caráter emergencial, que será distribuído a todos os locais de trabalho - con-

tendo as dicas mais importantes para se prevenir as DORT, especialmente a LER. Fizemos um contato com um médico especializado em doenças do trabalho que se dispôs a nos ajudar neste trabalho, gratuitamente. Se estas ações estão longe de ser suficientes para resolver o problema, podem, ao menos, contribuir para preveni-lo.

É justamente neste sentido que gostaríamos de pedir o apoio dos colegas jornalistas. Gostaríamos muito de contar com a sua participação neste processo. Colabore com a Comissão de Saúde apresentando-nos sugestões de outras iniciativas que podemos desenvolver neste sentido. Não nos deixe, também, de enviar suas dicas para que possamos fazer eventuais correções de rumo em nosso trabalho. Só não deixe de manter contato permanente conosco. Sua participação é fundamental para nós.

** Aurélio Munhoz e Flávio Pedron são integrantes da Comissão de Saúde do Sindicato dos Jornalistas do Paraná.*

- Erramos -

No última edição do Extra-Pauta, na matéria “Jornalistas são eleitos conselheiros da UFPR”, foi eleita para a suplência no Conselho de Ensino e Pesquisa a jornalista Lenise Aubrif Klenk, da Gazeta do Povo.

expediente

Extra Pauta é Órgão de divulgação oficial da Gestão Extra Pauta, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná.
Endereço: Rua José Loureiro, 211, Curitiba/Paraná. CEP 80010-140. Fone/Fax (041) 224-9296. E-mail: sindijor@sindijorpr.org.br

Jornalista Responsável
Mário Messagi Júnior
Reg.prof. 2963/11/101z
Redação
Rafael Borges e Silvío Rauth Filho
Colaboradores nesta edição
Aurélio Munhoz, Flávio Pedron e Sérgio Gadini
Fotografias
Hugo Abati, Carlos Gomes e José Suassuna
Ilustrações
Noviski

Edição Gráfica
Marginal Comunicação
Tiragem
4.000 exemplares

As matérias neste jornal podem ser reproduzidas, desde que citada a fonte. Não é de responsabilidade deste jornal os artigos de opinião e as opiniões emitidas em entrevistas, por não apresentarem, necessariamente, a opinião de sua editoria.



Sindicato pressiona DRT para maior fiscalização

O Sindicato dos Jornalistas está exigindo da Delegacia Regional do Trabalho maior empenho na execução das fiscalizações. Várias denúncias já foram protocoladas pelo sindicato junto ao órgão, que reclama de falta de pessoal para efetuar visitas aos locais de trabalho.

O SINDIJOR propôs um acordo de cooperação para viabilizar o acompanhamento das denúncias, mas o delegado Wellington Cavalcanti, que em abril foi substituído, descartou a iniciativa. Segundo o delegado, a delegacia está apenas seguindo as “prioridades” definidas pelo Ministério do Trabalho em Brasília. Entre elas não

está o exercício irregular da profissão de jornalista. As linhas de atuação do Ministério se baseiam em jornada de trabalho, repasse pelas empresas do Fundo de Garantia (FTGS), registro em carteira e trabalho infantil.

Assim, o reenvio de denúncias pelo SINDIJOR apenas torna mais cheias as gavetas da DRT. O caso da Gazeta do Povo já é notório e envergonha o jornalismo paranaense. A fiscalização não vai a empresa há três anos, enquanto se acumulam solicitações e ofícios do sindicato exigindo a presença dos fiscais.

A direção do sindicato espera em breve estar reunida com o novo

Delegado para definir estratégias mínimas de atuação da DRT. Não é possível que as empresas fiquem impunes diante de tantas irregularidades

, que se tornaram comuns ao dia a dia do jornalista, porque não estão “contempladas” na lista de prioridades do governo federal.

José Suassuna



Wellington Cavalcanti (à esquerda) e representantes do Sindicato (à direita): explicações

Jornalista sofre acidente grave

O repórter fotográfico Marco Damásio, de O Estado do Paraná, ainda se recupera do grave acidente de trabalho que sofreu no dia 6 de abril. Ele realizava a cobertura do seqüestro no Juizado de Causas Especiais e estava com repórteres fotográficos e cinegrafistas sobre a laje da guarita do estacionamento ao lado do pátio do juizado. Damásio se desequilibrou e sofreu uma queda de 3 metros de altura. O repórter ainda chocou-se contra o muro e bateu a cabeça numa viatura da RONE.

O repórter esteve internado cerca de 20 dias na UTI do Hospital Cajuru com traumatismo craniano e lesões na coluna. O sindicato acompanha o caso desde o início e esteve reunido com a direção do Estado do Paraná no dia 21. Uma campanha de doação de sangue foi prontamente atendida pela categoria.

Todo o atendimento médico de Damásio foi efetuado pelo SUS já que o plano de saúde disponibilizado pela empresa exigiu carência para fazer o atendimento. No início de maio, Damásio começou o tratamento domiciliar e, somente com a intermediação do sindicato, a empresa aceitou pagar o custo de um colchão e um colete especial, cerca de R\$ 250. Depois de quinze dias de internação, o salário do repórter foi reduzido em 15% e passou a ser pago pelo INSS, conforme determina a legislação.

Para o sindicato a responsabilidade da empresa não termina. “Para nós a empresa é responsável por tudo o que vier a acontecer com Damásio, que sofreu um acidente enquanto trabalhava”, argumenta Silvio Rauth Filho, diretor do Sindijor-PR.

Os acidentes de trabalho no Brasil são responsáveis por um gasto anual de R\$ 20 bilhões, segundo um estudo do Ministério da Previdência e Assistência Social em pequenas e médias empresas do parque industrial brasileiro.

O gasto soma as despesas com saúde, reabilitação profissional e prejuízos causados aos trabalhadores.

Dos 378.365 acidentes de trabalho registrados ano passado, 3.605 causaram a morte do trabalhador. Os setores que mais causaram mortes foram os de serviços de transporte e armazenagem (468), construção civil (390) e comércio varejista (365).

Grande parte desses acidentes ocorrem em razão do uso de máquinas obsoletas e inseguras, segundo a pesquisa divulgada no jornal “O Globo”. As máquinas que mais causam acidentes são as prensas para metalurgia, as serras circulares para madeira, as tupias e desempenadeiras para madeira, as injetoras de plástico, as guilhotinas, as calandras e cilindros para laminação, as motosserras, as impressoras de produtos gráficos e as máquinas de descorticar e desfibrar sisal.

Uma análise aprofundada das causas dos acidentes, como o caso das terceirizações de atividades ou falta de treinamento, ainda não foi divulgada.



Sindicato participa da luta contra a privatização da Copel



Lançamento do Fórum Popular Contra a Privatização da Copel, na Casa do Jornalista: luta por 1 milhão de assinaturas

Tendo como palco a Casa do Jornalista, sede do Sindicato, o Fórum Popular Contra a Privatização da Copel foi lançado, no dia 15 de março, com a certeza de enfrentar uma dura batalha, pelas ruas e pela mídia. Para o coordenador do Fórum, o ex-deputado Nelson Friedrich, argumentos não faltam contra a privatização da maior empresa de eletricidade do País. “A COPEL foi a empresa, entre públicas e privadas, que mais lucro obteve em 2000. Mas não é apenas isso. Existem argumentos de cunho estratégico, social, tecnológico e político para a manutenção da empresa sob controle do povo do Paraná”.

Para que as palavras sensibilizem a população, o Fórum pretende estruturar núcleos de mobilização por todo o estado com o apoio de prefeituras, sindicatos, federações, associações de moradores, movimentos da igreja, entre outros. Um abaixo-assinado percorre o estado buscando coletar 1 milhão de assinaturas para exigir a suspensão do processo de privatização.

Já o Governo aposta pesado na propaganda. Segundo dados do Fórum, a campanha pró-privatização está gastando 80 milhões dos cofres públicos, nessa primeira etapa.

Argumentação furada

Em várias reportagens publicadas pela imprensa paranaense, o governador Jaime Lerner tentou minimizar o desgaste por estar comandando a privatização da Copel, ao dizer que a atitude seria uma imposição do Governo Federal. Em entrevista ao radialista Luiz Carlos Martins, o presidente Fernando Henrique Cardoso, porém, negou essa informação. “Esta é uma decisão que corresponde ao Paraná. Se o governador Jaime Lerner está empenhado nisso é porque acha que o momento é adequado para a privatização”, afirmou FHC.

Painel

Uma das ações do Fórum Popular foi montar um placar com a posição de cada um dos 54 deputados estaduais em relação à privatização da Copel. O painel foi lançado em Curitiba, no dia 7 de abril, e

vai percorrer várias cidades do Paraná. O painel, porém, está defasado, já que os três projetos sobre a Copel que tramitavam no Legislativo foram retirados da pauta e um novo levantamento não foi realizado. Na última atualização, em abril, a situação era de 24 deputados contra a venda da estatal, 19 a favor e 9 indecisos.

Guerra Jurídica

O Fórum Popular contra a venda da Copel promoveu no dia 18 de maio uma “Jornada Jurídica” com a participação da Procuradora Geral do Estado de Minas Gerais, Dra. Carmen Lucia Antunes Rocha.

A idéia do Fórum é organizar uma estratégia jurídica que permita o cancelamento da venda da Copel, a exemplo da CESP em São Paulo. “O governador paulista já deu um bom exemplo de sensibilidade ao sepultar de vez a venda da CESP”, disse Nelson Friedrich, que reconhece que o apagão deu uma ajuda para a decisão. “Esperamos um gesto idêntico, paranista, do governador Jaime Lerner”.

Fórum denuncia boicote da imprensa

O Fórum em Defesa da Copel denunciou o boicote das empresas de comunicação à veiculação de peças publicitárias contra a privatização da empresa. Segundo organizadores do Fórum, a Rádio CBN estaria fazendo “corpo mole” para divulgar o material. “Primeiro eles não tinham espaço, depois falaram em dois spots por dia enquanto o governo tinha mais de quatro”, denuncia Raska Rodrigues, responsável pela campanha de rádio. Questionado, o departamento comercial da emissora respondeu que tiveram um pequeno problema de espaço, mas que “não foi uma questão política”.

A organização do Fórum só conseguiu responder à avalanche governista na rádio B-2 e na Ouro Verde. Em maio, as inserções de mídia já estavam dando sinais de regularização, tendo em vista que a disputa na Assembléia Legislativa já tinha tomado cores pró venda da Copel

Copel deve lucrar 50% a mais no semestre

Uma equipe contratada pela Copel teria feito uma previsão dos resultados financeiros e estimado que a estatal fechará o semestre com lucro de R\$ 487 milhões e com possibilidade de ter lucro de R\$ 660 milhões no ano. O valor é 50% maior do que o registrado no ano passado. A informação sobre o resultado e sobre o estudo reservado foi divulgada pelo presidente do Fórum contra a Privatização da Copel, Nelson Friedrich. Ele afirmou ter recebido de maneira sigilosa resultados parciais da análise.

Friedrich citou os números para reforçar sua crença de que a Copel não pode ser privatizada. “A Copel é uma das mais viáveis e mais lucrativas empresas de energia do País”, afirmou. Os demais participantes do seminário têm opinião semelhante a de Friedrich. “Com a privatização não será acrescentado nenhum quilowatt a mais no sistema”, criticou o consultor Joaquim Carvalho. Ao falar sobre o processo de desestatização, ele disse estar convicto que a Copel será subavaliada para a venda e que sequer a marca da empresa será levada em conta.

reportagem de Carmem Murara publicada na Folha do Paraná, dia 15/05



Dia do Jornalista, data de protestos e comemorações

Para os jornalistas paranaenses o dia 7 de abril, Dia do jornalista, expõe motivos para comemorar e para se indignar.

A Convenção Coletiva de Trabalho (CCT 2000/2001), assinada entre o Sindicato dos Jornalistas e o Sindicato patronal, é um exemplo de que podemos avançar na garantia de nossos direitos quando nos dispomos à luta. São 52 cláusulas que protegem os profissionais de diversas problemas, como material de segurança, apoio em caso de processo jurídico, seguro de vida, critérios para demissão, proteção à ética, aviso prévio proporcional e auxílio doença.

A CCT também traz uma série de benefícios, como adicional de 100% na hora extra, adicional noturno, comissionamento de chefia, salário substituição, adiantamento, anuênio, férias proporcionais, cartão ponto, creche e direito autoral.

Outro aspecto é o piso salari-

al em nosso estado, de R\$ 1.103,83, que é o terceiro maior do Brasil. O valor, entretanto, ainda é baixo para quem trabalha nos fins de semana e feriados, vive pressionado o tempo inteiro, enfrenta situações de risco e ambientes insalubres. Vale lembrar que no Paraná o piso é tratado como teto salarial. Por isso, em média, os jornalistas paranaenses recebem menos que em outros estados.

Além de salários mais justos, há diversos outros motivos para protestos no Dia do Jornalista. Desde a falta de ética e a parcialidade na cobertura jornalística imposta pelos patrões, ao agrado dos subsídios estatais, até as condições de trabalho precárias nas redações.

Violência contra jornalistas

Nosso Estado teve destaque negativo no relatório sobre violência contra profissionais da imprensa elaborado pela Federa-

ção Nacional dos Jornalistas (FENAJ). No Paraná, durante o ano passado, três casos foram assinalados pelo relatório. Em fevereiro, o jornalista e radialista Sadi Nunes, de Toledo, sofreu ameaças físicas e verbais por denunciar falta de transparência no Conselho de Segurança da cidade. Eloir Rodrigues, do jornal Diário dos Campos, recebeu ameaças pelas investigações desenvolvidas durante a CPI do Narcotráfico.

O caso mais notório foi o do jornalista Mauri König, repórter de O Estado do Paraná em Foz de Iguaçu. Ele foi agredido violentamente no Paraguai enquanto investigava brasileiros que falsificam documentos para se alistar no exército paraguaio. O caso teve repercussão e todos os jornais paraguaios, ao contrário de nossos jornais locais, denunciaram a violência. Policiais paraguaios são os principais suspeitos da agressão.

Homenagem a Líbero Badaró

A comemoração de 7 de abril como Dia dos Jornaltistas no Brasil relaciona-se com a abdicação de Dom Pedro I, nesta mesma data, em 1831, em cujo episódio a imprensa teve importância fundamental.

Um ano antes do fim de seu governo, Dom Pedro atacara a imprensa, na época identificada com os liberais e reprimira passeatas nas ruas do Rio de Janeiro. Em 20 de novembro de 1830, morreria assassinado o jornalista Líbero Badaró, que se tornaria mártir da luta dos liberais por uma nova constituição. Após o assassinato, Dom Pedro perdeu o apoio popular. Passeatas foram organizadas, como em 11 de março de 1831, conhecida na história do Brasil como a "Noite das

Garrafadas".

Sem o apoio da imprensa e de populares, não restava a Dom Pedro I outro caminho senão a abdicação. E ela tornou-se realidade quando os quartéis aderiram às manifestações em 6 de abril.

Em 7 de abril de 1831 Dom Pedro abdicou e o Brasil entrou em um novo período monárquico

"O Repúblico", um dos jornais de esquerda, pregava o "dever sagrado da resistência à tirania".

Na madrugada de 7 de abril, Dom Pedro abdicaria e o país entraria em um novo período monárquico. Viria a regência, período instaurado para que Dom Pedro II atingisse a maioridade e a família real brasileira pudesse retomar poder e prestígio, muito abalados nos 2 últimos anos, dos 9 em que durou o governo de Dom Pedro I.

Panfletagem contra censura e condições precárias

O Sindicato dos Jornalistas organizou uma manifestação na Boca Maldita, em Curitiba, no dia 7 de abril. Foi um protesto contra a falta de liberdade de imprensa, imposta pelos proprietários das empresas de comunicação, e contra as condições de trabalho dos jornalistas. Foram distribuídos cerca de 2.000 panfletos para a população, além da faixa: "7 de abril é Dia do Jornalista, não Dia da Mentira. Jornalistas querem mostrar a verdade, mas patrões não deixam".

O panfleto alertava a população sobre três questões:

- 1) Censura: a maioria dos jornais, rádios e televisões do Paraná se "vendeu" para o Governo do Estado.
- 2) Gazeta do Povo e TV Paranaense não respeitam a lei: ações judiciais movidas pelo Sindicato.
- 3) Condições dos jornalistas: baixos salários e falta de respeito dos patrões em relação aos problemas de saúde.



Panfletagem em Curitiba: protesto pela liberdade de imprensa e melhores condições

Liberdade de imprensa

O Dia Mundial da Liberdade de Imprensa, instituído há uma década pelas Nações Unidas, é celebrado no dia 3 de maio, com o objetivo de lembrar que a liberdade de imprensa está incluída entre os direitos fundamentais da pessoa e é fator essencial na construção da democracia e da cidadania.

Nesse período, cerca de 1.000 jornalistas foram assassinados no mundo. Todos no exercício profissional. No Brasil, desde 1990, onze jornalistas e profissionais da comunicação foram assassinados. Em todos os casos, nenhum dos mandantes está preso ou sequer sendo julgado.



Violência contra jornalistas

O relatório sobre violência contra jornalistas e profissionais da comunicação, elaborado pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), demonstra que eles continuam enfrentando dificuldades para desempenhar a profissão, seja através de ameaças de morte, seja com a consumação de agressões físicas e cerceamento às suas atividades. Elaborado anualmente, o relatório detectou que em 2000 a maioria dos episódios de violência estão sempre relacionados a denúncias feitas nos meios de comunicação envolvendo autoridades públicas.

O fato mais grave foi o assassinato do radialista José Wellington Fernandes, na cidade de Canindé de São Francisco, em Sergipe. A polícia identificou o prefeito da cidade, Genivaldo Galindo da Silva, como autor do crime. Só agora, em março desse ano, quando o crime completou um ano é que a Justiça decretou a prisão preventiva de Galindo. O relatório chama a atenção que nesse caso foi identificado o assassino, fato que destoa da impunidade que impera em crimes como esse.

A imprensa na era FHC

A imposição do discurso único e o atrelamento incondicional dos meios de comunicação aos governantes têm fortalecido o abuso de poder e a violência contra os profissionais da imprensa. O

jornalista Ricardo Noblat, diretor de redação do Correio Brasiliense, solicitou garantia de vida a Polícia Federal depois que seus filhos foram agredidos. As agressões teriam sido em represália às investigações do jornal sobre irregularidades no governo Joaquim Roriz e sobre o caso do senador Luiz Estevão.

Durante a cobertura da passagem de fim de ano do Presidente da República, o alvo foi a fotografia. Os repórteres fotográficos Fernando Bezerra, do Jornal do Brasil, Edivaldo Ferreira e José Paulo Lacerda, da Agência Estado, foram agredidos por soldados da Polícia do Exército (PE), ao registrarem a queda do toldo da área reservada na praia de Copacabana onde o presidente assistia a queima de fogos. Para evitar o vexame presidencial, a PE usou de truculência para apreender ilegalmente o equipamento dos profissionais.

As ameaças de morte como intimidação formam boa parte do relatório. Jornalistas que realizavam a cobertura da CPI do narcotráfico são as principais vítimas. A repórter Cláudia Bastos, da TV Tapajós, em Santarém (PA), começou a sofrer ameaças de morte e teve sua casa arrombada depois que se dispôs a levar uma testemunha conhecida como "Senhor X" para depôr na CPI.

No Paraná, Eloir Rodrigues, do Diário



dos Campos, de Ponta Grossa, foi ameaçado por fazer reportagens apontando o envolvimento de policiais com o tráfico de drogas.

Já Regina Delibeirai, que comandava redação da TV Cidade Verde, em Cuiabá (MT), foi afastada da empresa por "desobedecer" determinação da direção da empresa para que fosse retirado o nome de um dos envolvidos investigados pela CPI do narcotráfico.

Demissão

O caso da tentativa de demissão da jornalista Carina Paccola, presidente do Sindicato dos Jornalistas de Londrina, também fez parte do relatório sobre violência da FENAJ. A arbitrariedade da direção da empresa surgiu depois que a jornalista saiu em defesa de sete profissionais demitidos pelo jornal. A violência patronal chegou a proibir Carina de entrar na Folha do Paraná.

Vitória da UFPR

Estudantes ganham prêmio Ayrton Senna

Sete estudantes da Universidade Federal do Paraná (UFPR) foram os grandes vencedores do Prêmio Ayrton Senna de Jornalismo desse ano. O concurso, que contou este ano com mais de 4 mil trabalhos inscritos, premia todo ano os melhores trabalhos jornalísticos que abordem temas relacionados às questões da infância e adolescência.

Os alunos foram orientados pelo professor Jorge Gregory e concorreram com a edição do jornal laboratório "Especial Criança", alusiva aos 10 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente. Entre os objetivos do trabalho está a divulgação do importante relatório "Situação da Infância Brasileira 2000", elaborado pela Unicef, como também o polêmico debate sobre a redução da maioridade penal.

Todos tiveram menos de um mês para elaborar a publicação e nem tinham a obrigatoriedade de fazê-la. "As notas já estavam fechadas e não havia necessidade de produzir uma nova edição do jornal", orgulha-se o professor Gregory.

O esforço extra teve recompensa. Além de um troféu, Aline Almeida, Andressa Rovani, Cristina Chiguti, Juliana Lima, Larissa Limeira, Leandro Narloch, Rafael Machado, Rita de Cássia Loyola e Tatiana Bonde irão embolsar juntos R\$ 20 mil. Os universitários decidiram doar uma parte do prêmio a UFPR para a aquisição de equipamentos para o curso de jornalismo.

A premiação aconteceu no dia 21 de março, em São Paulo.



Professor Jorge Gregory (à direita) e acadêmicos Rafael Machado, Cristina Chiguti, Leandro Narloch e Andressa Rovani



Um jornal atrás das grades

O jornalismo agora faz parte do cotidiano na Penitenciária Central do Estado (PCE), em Piraquara. Uma equipe de sete presos, orientados pela professora Katia Luizari, edita mensalmente o jornal O Farol.

Com tiragem de 2.000 exemplares, a publicação fala desde problemas específicos dos internos da PCE até questões nacionais. Há seções especiais, como uma que se dedica ao ensino da língua espanhola e outra que aborda os problemas de saúde. Todo material passa por uma avaliação prévia da direção da PCE, que tem poder de censurar a publicação.

“Não queremos gerar polêmica. Nosso objetivo é levar esperança aos detentos e incentivar o estudo”, explica a professora, que luta desde fevereiro (quando foi publicada a primeira edição) para manter o jornal. Nesse tempo, já conseguiu o apoio do Sindicato dos Jornalistas, que faz gra-

tuitamente a revisão do trabalho, e da Secretaria de Estado da Justiça, que patrocina a impressão. Kátia também contou com várias doações, até mesmo dos presos, que contribuíram com R\$ 70 para conserto do computador.

Agora ela luta para aumentar a tiragem do jornal, que atualmente circula na PCE e em outras unidades carcerárias do Estado. O objetivo é levar a publicação para fora dos presídios e conseguir anúncios para custear a produção.

Esperança - Kátia Luizari acredita que seu trabalho tem dado resultados. “O jornal deu outra motivação para muitos internos”, avalia ela. Um exemplo é o diretor da publicação, Moisés Ponssoni, 40 anos, que planeja estudar jornalismo e se dedicar à profissão.



Presidiário quer estudar jornalismo

Moisés Ponssoni, 40 anos, interno da Penitenciária Central do Estado (PCE), já tem um plano para quando terminar sua pena. “Meu objetivo é a faculdade de jornalismo. Quero dedicar toda a minha vida por esta causa”, afirma ele.

Preso há 20 anos, Ponssoni encontrou no jornalismo motivação e inspiração. Desde que foi criado O Farol, em fevereiro, ele é o diretor da equipe. “Para mim, o jornal tem sido muito mais que uma ocupação. É um propósito de vida, além de profissão. E o jornalismo, posso dizer que é meu eu, tamanha a satisfação e realização pessoal que encontrei nele”, confessa.

Ponssoni está preso por ter participado de dois assaltos. Foi condenado a 60 anos. Já cumpriu 20 e pode reduzir boa parte da pena por ter trabalhado, estudado e tido bom comportamento. Ele espera, ainda em 2001, conseguir a liberdade condicional.



- Publicidade e propaganda
- Assessoria de imprensa e de marketing
- Editoração eletrônica
- Diagramação
- Elaboração de jornais, panfletos e folders
- Planejamento de comunicação
- Criação de campanhas publicitárias
- Campanhas políticas
- Projetos gráficos
- Assessoria de imprensa
- Assessoria de marketing
- Marketing político
- Comunicação visual
- Home page

Rua Buenos Aires, 1310 • Fone/Fax: (41) 333-6141 • Água Verde • Curitiba-PR

www.marginal.ppg.br



Saneamento ambiental nas redações

Apesar da setorização, a maioria dos jornalistas ainda é obrigada a escrever sobre os mais diversos assuntos. É natural que não se saiba tudo sobre tudo e por isso nas matérias aparecem impropriedades.

As assessorias de imprensa muitas vezes ficam em saia-justa por conta do que foi escrito/falado em alguns veículos. No caso da Sanepar, muitos erros ou equívocos da imprensa acabaram caindo no domínio popular como sendo verdade.

Para auxiliar os jornalistas na elaboração de matérias sobre o setor, a Assessoria de Comunicação da Empresa apresenta um miniglossário sobre os temas mais importantes:

SANEAMENTO BÁSICO: é formado por quatro serviços, que são drenagem urbana (galerias de água pluvial); resíduos sólidos (lixo); água tratada e esgoto sanitário (coleta e tratamento). A Sanepar é responsável apenas pelos dois últimos. Estes serviços estão inseridos no saneamento ambiental.

ÁGUA TRATADA: o serviço prestado pelas empresas de saneamento é de água tratada e não de água encanada.

ÁGUA AMARELA: do jeito que a água está nos rios não pode ser consumida. Para isso precisa ser tratada e no tratamento recebe produtos químicos. Partículas destes produtos se agregam às paredes da tubulação. Quando o abastecimento é interrompido (para fazer manutenções, novas obras ou por excesso de consumo) a rede é despressurizada. No retorno do abastecimento, com a repressurização, estas partículas se soltam deixando a água com cor alterada. Apesar do aspecto, todas as características organolépticas estão conservadas. Ou seja, embora amarela a água não está contaminada, não oferecendo o menor risco à saúde das pessoas.

FILTRAR A ÁGUA: tecnicamente não é recomendado porque na filtragem é eliminado o flúor, indispensável na prevenção de cáries. Os filtros, se não tiverem a manutenção adequada,

podem ser vetores de doença, porque acumulam bactérias. A orientação é limpar a caixa de água de sua casa a cada seis meses, para garantir a qualidade da água.

FALTA DE ÁGUA: a ABNT recomenda que cada imóvel possua um reservatório capaz de armazenar o volume correspondente ao consumo durante 48 horas. 20% dos domicílios não cumprem a norma, portanto, não têm caixa de água e sofrem mais com as interrupções.

CHOVE E FALTA ÁGUA: por mais paradoxal que seja esta situação pode ocorrer. Na maioria das vezes porque durante os temporais há queda de energia elétrica e sem ela as bombas da Sanepar não podem funcionar. Há casos que chuva arrasta o lixo jogado às margens do rio e a qualidade da água que chega à estação é imprópria para o tratamento. É necessário deixar “passar” esta água com excesso de resíduos, interrompendo a captação, o que compromete o abastecimento.

A SANEPAR COBRA POR ÁGUA NÃO CONSUMIDA: a tarifa está estruturada sobre dois valores: um fixo e outro variável de acordo com o consumo de cada imóvel. O valor fixo se refere à tarifa mínima, que é de 10 metros cúbicos/mês. É como a tarifa básica de telefonia (valor mínimo dá direito a 90 pulsos ou X minutos), a bandeira do táxi (entrou no táxi vai pagar X reais e o restante depende do tamanho da corrida). Quem não consome os 10 m³ não está sendo lesado; deixou de usar a franquia mínima a que tinha direito. A tarifa mínima é o valor pago para ter acesso ao serviço. Quem consome acima de 10m³ paga valores diferenciados sobre o excedente aos 10m³.

ESGOTO DOMÉSTICO: o segundo serviço prestado pela Sanepar está dividido em duas atividades, que se complementam. Uma delas é a coleta do esgoto. É a remoção da água já utilizada, e adicionada de matéria orgânica, da frente do imóvel do cliente. Esta atividade representa o índice de esgoto



coletado. A segunda é o tratamento. O volume, composto de líquido e matéria orgânica, é tratado por meio de separação. A matéria orgânica é depurada e transformada em lodo. O líquido, que recebe o nome de efluente, é lançado no rio com grau de pureza que não representa risco ao meio ambiente. Como o nome já diz, esta atividade representa o índice de tratamento de esgoto.

GALERIA DE ÁGUA PLUVIAL: de responsabilidade exclusiva da Prefeitura Municipal de cada cidade. São as grandes tubulações instaladas para drenar a água da chuva. Há pessoas que lançam na galeria o esgoto doméstico. Esta prática é irregular. A rede de esgoto é menor e não tem dimensionamento para receber água da chuva.

INVASÕES E ORDENAMENTO TERRITORIAL: a matéria-prima de um dos serviços da Sanepar é a água dos rios ou de lençóis subterrâneos. Quando há invasão em áreas de mananciais, a Sanepar e toda a população são prejudicadas, porque uma das consequências da ocupação é a poluição dos rios e a degradação dos mananciais.

CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: embora seja importante para a Sanepar contar com meio ambiente em boas condições, a Empresa não tem o

poder de polícia ou de fiscalização dos rios. A responsabilidade é dos órgãos ambientais como Ibama, IAP e Sudhersa. Apesar disso, a Sanepar mantém em todo o Estado um programa de educação ambiental. O desafio é educar o cidadão para o uso racional da água tratada e para a conservação do meio ambiente.

USO DA ÁGUA: A legislação federal determina que a prioridade de uso dos rios é o abastecimento público. Usos em energia, indústria, ou irrigação, só podem valer-se de determinado rio se não houver conflito no fornecimento à população.

OS FRANCESES CONTROLAM A SANEPAR: não é verdade. A Sanepar possui quase 4 mil empregados e só há um francês trabalhando na empresa. O governo do Estado detém 60% das ações ordinárias da Empresa. Só 39,7% das ações ordinárias da Sanepar foram vendidas ao consórcio Dominó Holding. O consórcio é formado por quatro empresas que entre si formam os 100% da Dominó. São elas: Opportunity (com 27,5%), Andrade Gutierrez (27,5%), Vivendi (30%) e Copel (15%). Os 30% que a Vivendi possui na Dominó, a grosso modo, representam que os franceses “são donos” de 11,91% da Sanepar.



Jornalistas à beira de um ataque de nervos

A saúde do jornalista a maioria já conhece. Distúrbios emocionais, neuroses, dores de cabeça, depressão, fadiga. No entanto, o trabalho inédito do psicólogo e professor da UNOESC- Universidade do Oeste Catarinense- Márcio Cesar Ferracioli buscou aprofundar a análise da relação entre trabalho e sofrimento dos jornalistas paranaenses. O trabalho foi apresentado como tese de mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e teve o apoio do Sindicato dos Jornalistas do Paraná. Durante as 19 entrevistas realizadas, o professor contou que os jornalistas vivem um sofrimento intenso relacionado ao trabalho. “Através das entrevistas ficou claro que a forma de organização do trabalho é fonte de sofrimento dentro e fora do local onde o jornalista realiza suas tarefas”, explica Márcio.

O cotidiano dos jornalistas é estruturado pelas condições de trabalho. A tese enfatiza que a relação do jornalista com o tempo é que vai determinar seu próprio estilo de vida. É a exigência do jornalista de estar 24 horas “no ar”. Segundo o estudo, o jornalista não é “dono de seu próprio tempo”. “É interessante notar que mesmo de férias, ou quando não estão trabalhando, em outros locais, com amigos, festas, o trabalho está sempre presente”,

argumenta o pesquisador. “Existem casos relatados”, continua, “que o fotógrafo de férias numa praia e ao mesmo tempo trabalhando pois acompanhava um salvamento e já pensava como enviar as fotos para o jornal”. Pelo estudo, mesmo quando chega em casa, o jornalista demora mais tempo para “desligar”. “Ele ainda quer saber de toda a notícia que passa no rádio ou na TV”, complementa.

A falta de tempo livre para si e para a família é enfatizado pela maioria dos entrevistados. O ritmo intenso faz com que não existam momentos em que o trabalho não esteja presente. A tese destaca que o sofrimento não é apenas do trabalhador, mas atinge pessoas mais próximas de sua convivência diária.

A velocidade na realização das tarefas é outro fator que interfere na saúde física e mental dos jornalistas. O ritmo frenético é tido como natural pelos profissionais, entretanto as entrevistas detectaram sentimentos de angústia e sérios problemas físicos (olhos, coluna vertebral, LER). Enfermidades que só são constatadas quando o profissional se vê impossibilitado de continuar produzindo com a mesma velocidade.

Problemas de Saúde

Pela pesquisa, LER, estresse e

alcoolismo são os problemas de saúde que mais afligem os jornalistas. Durante a pesquisa, as situações de risco a que são submetidos os profissionais também agravam a sua saúde. Fazer reportagens e filmagens sobrevoando locais sem o devido treinamento representa um risco à vida e uma tensão emocional constante. “Importa apenas que a informação seja veiculada na mídia e não as condições em que ela é produzida ou quem as produziu”, afirma o pesquisador.

Um dos relatos é surpreendente. “Quando eu fui fazer um seqüestro, eu tava lá no meio de um tiroteio e minha mulher estava vendo pela televisão e esse é outro lado da questão. O outro lado é minha família, minha mulher sabia que eu estava lá no meio daquele negócio. Eu poderia morrer a qualquer hora, pra ela é 100% de chance”.

Salários baixos

A pesquisa evidencia que muitos problemas de saúde ocorrem com maior frequência à época do pagamento. Os baixos salários geram



frustração e impotência diante de uma realidade que não parece mudar. “Existe o medo, a caracterização dos donos dos meios de comunicação como entes poderosos, que podem acabar com a carreira de um jornalista”, argumenta Márcio.

Esperança

Prazer, trabalho e sofrimento podem ser entendidos dentro de uma dinâmica e complexa relação de trabalho. “Pelo fato de existir sofrimento nas atividades diárias do profissional não se pode entender que ele não tenha também prazer na profissão”, enfatiza o pesquisador. Para ele ainda resta uma esperança. “Basta que se investigue as formas de organização do trabalho, transformando rotinas de modo a que os profissionais possam ter saúde e serem valorizados nas empresas em que atuam”.

FIJ condena mídia nas mãos de políticos

A Federação Internacional de Jornalistas denunciou que o sucesso nas pesquisas eleitorais do magnata das comunicações Silvio Berlusconi na Itália mostra a necessidade de novos controles para “limitar a concentração de mídia nas mãos dos políticos”. A FIJ pediu à União Européia para impor li-

mites a fim de garantir que políticos não tenham o controle excessivo da mídia de qualquer país.

“Quando ocorre a concentração (do controle) da mídia é inevitável que a mídia se torne veículo de defesa de estreitos interesses políticos e comerciais”, disse Aiden White, secretário-geral da

FIJ. “A eleição de Silvio Berlusconi oferece evidência convincente”.

Num comunicado, a FIJ citou uma pesquisa mostrando que os canais de televisão de Berlusconi deram a ele quatro vezes mais exposição do que a seu principal rival.

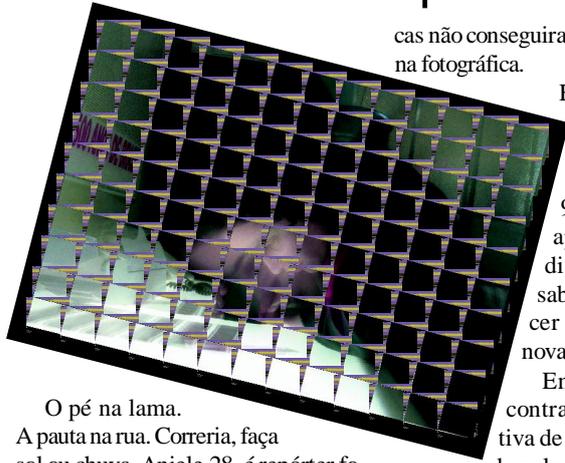
“A inclinação é inevitável”, afirmou

White. “É chocante que em uma das principais democracias do mundo seja permitido tal conflito de interesse”.

A FIJ, baseada em Bruxelas, é a maior organização de jornalistas do mundo, representando 450.000 profissionais de mídia de mais de 100 nações.



A busca impaciente pela melhor foto



cas não conseguiram tirá-la da máquina fotográfica.

Há oito anos fotografando, Aniele trabalha na Gazeta do Povo desde 96. “Todo dia aprendo uma coisa diferente. Nunca se sabe o que vai acontecer na busca de uma nova foto”.

Em si, a fotografia é contraditória. É a tentativa de explicar a realidade pela parte, o que nunca é possível. É mesmo assim o fogo que tomou conta dos depósitos da Klabin? Os meninos da Carlos Gomes já não trocaram por verdadeiras armas de brinquedo? E a cor do sol que se põe nas velas do pequeno barco? O trabalho continua. “É estressante, mas é gratificante”, nos explica Aniele.

O pé na lama.

A pauta na rua. Correria, faça sol ou chuva. Aniele, 28, é repórter fotográfica avessa à paciência de laboratório. “Vou atrás, procuro. Saio com a pauta ligada em tudo que está acontecendo”, define. Essa procura não deixa, no entanto, de buscar inspiração no trabalho dos mais velhos. Pequena, usava as bacias do laboratório do pai para brincadeiras. Ele, Mário Nunes, foi fotógrafo do Diário do Paraná. Bron-

Aniele Nascimento



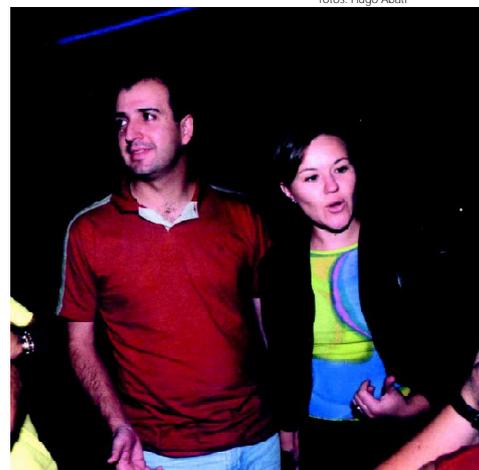


fotos: Hugo Abati

O sexto Ronda da Noite aconteceu no dia 4 de abril, no D' Vinyl, que fica na rua Vicente Machado, 1082, em Curitiba - fone (41) 233-0730. Os jornalistas aproveitaram o ambiente moderno da casa e foram presenteados com drinks exóticos preparados pelo bar.



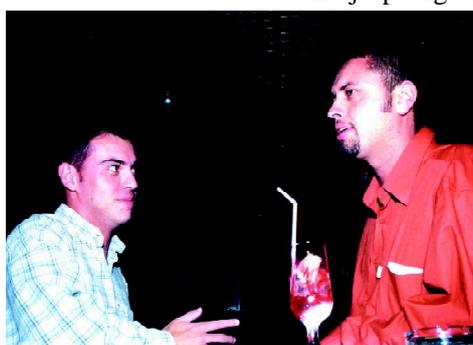
O Ronda da Noite, organizado pelo Sindicato dos Jornalistas, ocorre uma vez por mês e em diferentes bares. O próximo será no dia 25 de maio, sexta-feira, no Café Curaçao, na rua Senador Xavier da Silva, n 210, fone (41) 224-6086. Jornalista com carteira da Fenaj não pagará entrada. Confira mais informações no site do Sindicato www.sindijorpr.org.br



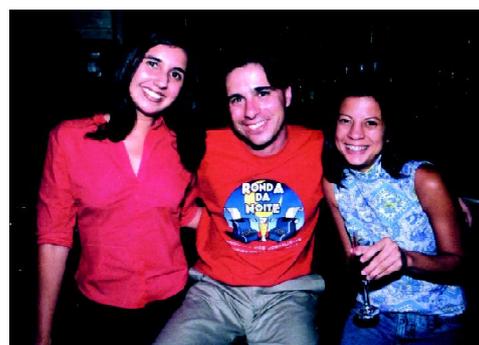
Os jornalistas Ricardo Medeiros, do Primeira Hora, e Lenise Klenk, da Gazeta do Povo



As assessoras de imprensa Paula Bertoli e Silvia Elmer



Clewerson Bregenski e Carlos Simon, da Tribuna do PR



Thabata Martin, Mário Messagi Jr. e Sabrina Fernandes

cul tura

Jornalista lança CD e livro

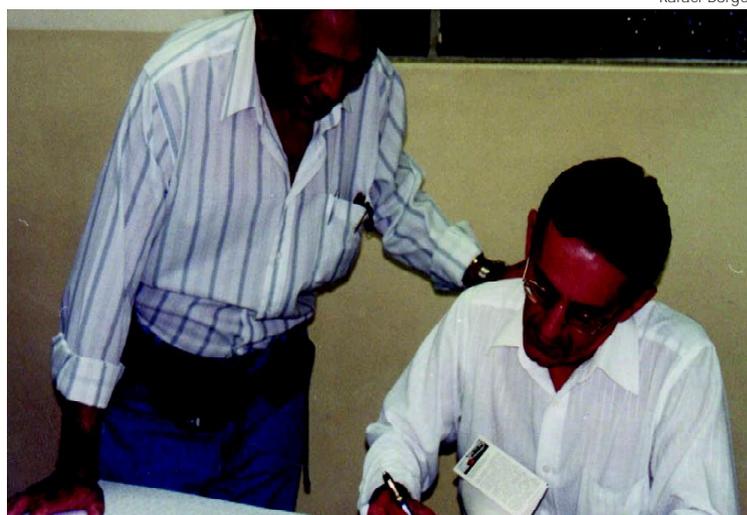
O jornalista José Alexandre Saraiva realizou um duplo lançamento, no dia 10 de abril, na Casa do Jornalista: o livro de crônicas *Diversos & Diluídos*, o terceiro de sua carreira, juntamente com o CD "Canción del Agua Cadente". Pemambucano de Panelas, Saraiva foi durante doze anos procurador-chefe da Fazenda Nacional em Foz do Iguaçu e era responsável, de 1983 até o ano passado, pela coluna "De olho no Leão", no jornal *Gazeta do Povo*.

O livro é uma síntese, que verte do cordel a crônicas e contos. Já o CD, que guarda a voz do "sanfoneiro de pé de serra" como gosta de enfatizar, é mais um trabalho de um compositor premiado. Saraiva ganhou, juntamente

com Ivan Graciano, em 98, a medalha de ouro no 29.º concurso internacional da Académie Internationale de Lutèce, de Paris, pelo trabalho "Lamento de Asa Branca".

Nesse novo trabalho, responde ao apelo de resgatar a qualidade da música brasileira através das raízes culturais verdadeiramente populares, sem adereços tecnológicos, sem demagogia comercial.

Por sua música e poesia deixou seu alto posto no Governo Federal para ser técnico da Receita Federal em Curitiba. "Não nasci para ser chefe, que não tem tempo para ver as folhas balançando", resume assim esse desafio.



José Saraiva autografa livro para o produtor musical Branco: sanfona e poesia

Rafael Borges



O presidente da greve

1963 será sempre lembrado pelos quatro dias em que as rotativas pararam e os jornalistas saíram às ruas por melhores salários. A greve histórica tem vários nomes. Alguns conhecidos e muitos anônimos. Ser presidente do sindicato dos jornalistas não deveria ser tarefa fácil naqueles momentos de enfrentamento. E não foi. Milton Cavalcanti, o presidente da greve, iria vivenciar ainda colegas dispostos a encabeçar uma intervenção no sindicato a mando dos militares.

Pernambucano, veio a capital paranaense para tratar a tuberculose. Aqui, encontrou um estado em franca expansão dos meios de comunicação. Trabalhou em vários jornais e revistas que surgiram, sucumbiram, ou foram fechados. Entre eles, o "Última Hora", de Samuel Weiner.

Ao Extra, Milton conta um pouco de sua vida e como foi estar à frente na história.

Extra Pauta - Qual era a principal reivindicação do movimento?

Milton Cavalcanti - Era o salário. A situação era tal que o jornalista ganhava menos que um salário mínimo da época. Como acontece hoje, o pessoal trabalhava em dois ou três empregos, porque trabalhava também no final de semana. Nós encampamos as reivindicações dos secretários de jornal, então eles também maneiaram quando a greve foi deflagrada. A greve foi plenamente vitoriosa nas reivindicações dos gráficos e jornalistas.

EP - Depois da greve ocorreram represálias, os donos de jornais tinham listas para perseguição dos profissionais mais engajados na luta?

MC - Não sei de listas, mas todos os jornais estavam sensíveis às nossas reivindicações. A resistência do Diário do Paraná era mais política do que patronal. O Diário do Paraná queria que nós fôssemos retirados da frente do jornal na porrada. Isso porque um mês antes teve uma greve de jornalistas em São Paulo onde o pessoal foi arrancado de camburão. O Aderbal Stresser achava que aqui tinham que fazer a mesma coisa. Mas o Ney Braga não deixou que a polícia agisse dessa forma. Houve uma tentativa pelo Corpo de Bombeiros, que queriam jogar aqueles carros enormes em cima do povo. Mas o povo sentou na rua e eles tiveram que sair. Encontraram o caminhão nas costas do Aderbal (Adherbal Fortes, que é da

Band). A greve foi bonita reunindo todo mundo. Quem era esquerda, quem era direita, quem era UDN, menos os coleguinhas que nos denunciaram. Hoje me dou bem com todos eles.

EP - Como foi a sua gestão na presidência do Sindicato?

MC - Na minha gestão conseguimos um terreno, uma quadra inteira no Santa Quitéria, doado pela Prefeitura. Ali era para fazer uma sede social para o pessoal se reunir. Também nós tínhamos uma opção de compra de um andar inteiro no edifício Krasinski, na praça Osório (onde hoje está o Mercadorama). Nós estávamos negociando com o Amauri Silva, Ministro do Trabalho do João Goulart. Eram ver-

bas sindicais que o governo emprestava. Na Assembléia também conseguimos que uma parte da verba de assistência social dos deputados fosse disponibilizada para a compra do imóvel. Então mesmo que a verba do Ministério não saísse a gente já tinha dinheiro para dar a entrada.

Com a intervenção tudo foi para o ralo. Conseguimos tudo isso de setembro de 63, quando fomos eleitos até abril de 64.

EP - Essa intervenção como foi?

MC - Eu e outros colegas só não fomos presos porque tivemos apoio do Ney Braga. O sindicato ficou estagnado, ninguém queria mais participar. Depois ficamos cinco anos sendo processados na





Justiça Militar. Todo mês tinha que prestar depoimento. As portas profissionais foram fechando e, por isso, acabei montando uma empresa de comunicação.

EP - *Como você iniciou o jornalismo?*

MC - Comecei com a atividade jornalística em 1948 na Câmara Municipal de Salvador como redator de debates. A gente anotava tudo que acontecia, todos os pronunciamentos, e no fim da sessão, à noite, ficávamos redigindo um resumo para publicação no Diário Oficial que saía todo dia. A atividade era reconhecida porque eu e outros colegas nos inscrevemos na ABI (Associação Brasileira de Imprensa). Depois, em 51, vim para Curitiba por recomendação médica em virtude de uma tuberculose, e terminei meu curso de Engenharia. Em 53 fui repórter e editor da revista "Paraná", que era publicada pela Câmara de Expansão Econômica. Nessa revis-

ta saiu minha primeira matéria, que também foi a primeira sobre a colonização holandesa nos campos de Castro, quando estavam chegando as primeiras famílias.

Aí me entusiasmei pela imprensa e a convite da Juril (Juril Carnascioli, filha de Plácido e Silva) fui trabalhar na revista "Guaíra". Meu primeiro trabalho lá foi o casamento da filha do Lupion (governador Moisés Lupion), lá no castelo (onde hoje está a TV paranaense). Em 56, fui para o jornal "O DIA". Em 59, trabalhei como correspondente da revista Visão, onde fiquei quinze anos, e para o "Última Hora", como editor de política e economia. Em 62, Parigot de Souza (governador em 70) era presidente da COPEL e me convidou para montar a assessoria de imprensa da empresa. Em 64, ele recebeu um ofício dos militares, da "comissão geral de investigações" do Rio de Janeiro, exigindo minha demissão. Depois que perdi todos os empregos, fui para a "Norte do Paraná em Revista" que depois virou a revista "Novo Paraná", colaboraram Aderbhal, Bacila, Massa, e outros.

EP - *Quando foi sua eleição para presidente?*

MC - Minha ligação com o sindicato se deu desde que comecei a trabalhar no jornalismo. Quando fui vice-presidente, na gestão do Nilton, organizei dois congressos do sindicato, um em Londrina e outro em Ponta Grossa. Em 63, foram vários indicados, inclusive o Walmor Marcelino, Jairo Régis, e outros. Teve bate chapa. A outra encabeçada pelo Enock, do Diário do Paraná (Enock de Lima Pereira). Nós fizemos uma campanha aguerida. Contatamos um a um cada jornalista. Teve momentos

emocionantes. O Roberto Barrozo (Fundador do Jornal do Estado) foi no sindicato votar de bengala.

EP - *Como você vê o jornalismo hoje?*

MC - Hoje eu acho que o nosso jornal está muito melhor do que no meu tempo. Você tinha grandes jornalistas, mas depois do golpe e a renovação foi muito lenta. Todas as críticas feitas ao jornalismo são válidas porque há uma ânsia pelo sensacionalismo. Inclusive de escrever coisas que não são verdadeiras, não são bem apuradas. O que prejudica inclusive o jornalismo investigativo. Diz que o cara roubou, mas não roubou. Outras vezes o cara roubou mas a imprensa não aprofunda. A imprensa tem que seguir o caminho da investigação referenciada. Tudo isso depende das direções e também de nossos colegas que dirigem editoriais, chefias de redação.

Eu tenho uma tese que é polêmica. Eu acho que o jornalista da empresa e dos órgãos de governo não deviam ter a função jornalística. O cara que trabalha numa assessoria de imprensa de governo e de empresa não devia ser contratado para fazer trabalho jornalístico. O trabalho jornalístico, no meu modo de ver, é o que está voltado para defender a sociedade. O assessor está ali para defender a empresa. Eu, quando era assessor do BADEP, não me considerava em um trabalho jornalístico. É claro se exige que o profissional tenha ética. Agora pegar um release e aplicar em cima do jornal contradiz com o trabalho jornalístico.

Todo mundo se forma em Direito, mas promotor é promotor e advogado é advogado. Mesma formação mas funções diferentes.

Anúncio Helvética



Arfoc faz convênio em São José dos Pinhais

João Noronha



Luiz Augusto, presidente da Arfoc, em reunião na Prefeitura

Repórteres fotográficos e cinematográficos estão tendo acesso aos jogos de basquete, vôlei, futsal e futebol profissional realizados em São José dos Pinhais através da carteira e do colete da ARFOC. O acordo entre a Associação

e a Secretaria Municipal de Esportes do município, firmado no final de março, procura organizar o trabalho nos locais dos jogos, garantindo a presença apenas de profissionais credenciados.

Encontro de semiótica reúne 500 pessoas em Cascavel

Autoridades do Brasil e da Alemanha estiveram presentes

No mês de março, Cascavel se transformou na cidade da comunicação e da semiótica. Cerca de 500 pessoas, entre estudantes, professores e jornalistas, compareceram ao evento "Comunicação e Semiótica" promovido pelos mestrandos do Programa de Comunicação e Semiótica da PUC/SP que aconteceu no auditório da Prefeitura. A semiótica é uma ciência nova, a teoria de toda e qualquer linguagem, e vem destacando-se mais no campo das ciências humanas.

"Ficamos impressionados com o número de pessoas no auditório", destacou Lúcia Santaella, professora da PUC-SP e Livre-Docente da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. "Eu pensei em uma conversa com umas 20 pessoas, e chegando aqui encontrei bem mais que isso".

O evento contou com a presença de Winfried Nöth, professor titular de

Linguística e Semiótica da Universidade de Kassel, na Alemanha, docente convidado na pós-graduação da PUC-SP, e que possui diversos livros publicados sobre o assunto.

Além das palestras, o público tratou o complexo estudo da Semiótica em mesas redondas que abordaram temas como "O poder das marcas", "A estética na fotografia de Sebastião Salgado", "A petrificação do símbolo no discurso jurídico", "A infografia no jornalismo científico", "O discurso político na televisão", entre outros e "O uso do termo 'menor' na imprensa".

A palestra de abertura foi proferida pela professora doutora Lúcia Santaella, com o tema "Comunicação e Semiótica: Convergências e Divergências", e palestra de encerramento do professor doutor Winfried Nöth, sobre a "Semiótica da Publicidade".

Hoje é o seu dia! Este espaço é todo seu.

7 DE ABRIL. DIA DO JORNALISTA!

"A constante busca pela verdade, em parceria com a responsabilidade, faz do jornalista um profissional peculiar intrigante e insaciável."



Anúncio Volvo



Vila Rural garante qualidade de vida



Vila Rural é um Programa do Governo do Estado do Paraná em parceria com os municípios, visando a melhoria das condições de vida dos trabalhadores rurais volantes e seus familiares, buscando mantê-los no meio rural.

A atuação dos municípios é de fundamental importância, pois é através dos Conselhos Municipais que são articuladas e coordenadas as ações necessárias a implantação e manutenção das Vilas Rurais.

O Programa Vilas Rurais, propicia ao trabalhador rural volante o acesso a um lote mínimo de 5000 metros quadrados, espaço que lhe permite construir uma casa com o apoio do Governo do Estado e ainda manter uma plantação para sua subsistência.

Em muitas destas áreas os trabalhadores rurais volantes conseguem obter produções agrícolas que lhes permite vender o excedente da produção aumentando a renda familiar. Participam da implantação do Programa Vilas Rurais doze instituições governamentais, cada qual atuando de acordo com suas especificidades.



Com o Programa Vilas Rurais todo o Paraná sai ganhando. Com as Vilas Rurais, o homem do campo tem menos motivos para mudar de cidade, diminuindo os cinturões de miséria que cercam os grandes cen-

tros. Nas comunidades formadas com certeza surgirão pequenos agricultores que poderão aumentar a oferta de alimentos. O Projeto Vilas Rurais é uma idéia simples, criativa e viável para melhorar as condições de

vida do trabalhador.

Desenvolvido pelo Governo do Paraná em conjunto com as prefeituras municipais, o Projeto Vilas Rurais está conseguindo fixar o homem do campo onde ele sempre quis estar: junto a terra.

VILAS RURAIS

PROGRAMA	CONCLUÍDAS	EM OBRAS	TOTAIS
VILAS RURAIS	350	44	394
FAMÍLIAS BENEFICIADAS	13.375	1.875	15.250





A Ousadia da Voz dos Sem-Vozes

Sérgio Luiz Gadini

Ao *Vivo do Corredor da Morte* não é apenas uma biografia de um preso político, condenado à morte, na Pensilvânia/EUA. Trata-se de uma maneira ousada e diferente de alertar para os julgamentos, muitos vezes sem provas suficientes, que condenam pessoas de grupos historicamente discriminados, ironicamente, naquela que é vulgarmente conhecida como a “maior democracia do planeta”.

A narrativa do jornalista e radialista Mumia Abu-Jamal adquire um caráter autobiográfico na medida em que, através de seus textos, é possível identificar a trajetória de vida do autor, particularmente dos 19 anos em que está preso, lutando pelo direito de falar dos abusos a que os afro-americanos são submetidos nos Estados Unidos.

Aliás, desde os tempos do surgimento das colônias inglesas na América, o discurso da resistência encontra as mais diversas formas para expressar a discriminação política e cultural. Daí porque, lembra John Edgar Wideman, “as melhores narrativas sobre escravos e prisões sempre trazem questionamentos profundos, implícita ou explicitamente, a respeito do significado da vida. Parte do trabalho do blues, do jazz e dos melhores esforços artísticos é revelar o caos que vive dentro das certezas que utilizamos como modelo”.

A narrativa do autor adquire um caráter comovente, particularmente quando se refere à privação dos direitos e relações familiares. Nas palavras do autor, “as visitas sem contato (físico) enfraquecem e, finalmente, cortam os laços familiares. Por meio dessa política e prática eficiente e premeditada, o Estado nega aos condenados um elemento fundamental de expressão de humanidade – o toque e o contato físico – e, dessa forma, corrói lentamente os laços

familiares, já debilitados pela distância entre a casa e a prisão”. Assim, “os prisioneiros se tornam ‘mortos’ para aqueles que os conhecem e amam e, portanto, mortos para eles mesmos”, conclui Abu-Jamal.

Os números revelam a face discriminadora da pena capital. Levantamentos estatísticos, já veiculados e de conhecimento público (apesar da indiferença das instâncias judiciais responsáveis), revelam que os réus acusados de matar brancos têm 4,3 vezes mais chances de serem condenados à morte do que réus acusados de matar negros; para seis em cada onze réus condenados por matar um branco, a sentença não teria sido a de morte se sua vítima fosse negra. E Mumia atenta para esse detalhe: “no corredor da morte, você encontrará um mundo mais negro do que em qualquer outro lugar. Os afro-americanos representam somente 11% da população nacional mas constituem 40% da população do corredor da morte. Lá, você encontrará também o autor destas linhas”.

Um visível tratamento desigual, entre presos negros e brancos, é constatado na descrição detalhada, mas sensível e precisa, de Abu-Jamal. “O bloco do corredor da morte dá acesso a dois a dois pátios: um composto de jaulas, outro com espaço ‘livre’, com fontes de água, quadra de basquete completa, argolas e uma área para corrida. As jaulas eram para os negros do corredor da morte. O pátio aberto para os brancos do mesmo lugar.

Os negros, devido à insensibilidade racista e ao puro ódio, estavam condenados a esperar a morte em condições indignas”. Mumia consegue, desse modo, ilustrar as mais diversas reflexões de seus artigos e ensaios com exemplos e casos que revelam verdadeiras afrontas públicas aos direitos humanos dos presos, particularmente aos negros que estão nas inúmeras prisões norte-

americanas.

A veia crítica de Mumia Abu-Jamal não esquece uma passagem do reverendo Jesse Jackson pela Califórnia, em 1975. Em entrevista com Jackson, Mumia questionou o pastor acerca de uma manifestação de integrantes do Move. “Eu tenho uma agenda para os negros da América, meu jovem... quem se importa com um bando de negros sujos e despenteados?”, respondeu Jesse, rodeado por seus seguranças. Mas, “eu me importava”, lembra o autor, incansável ativista em defesa dos direitos da comunidade negra.

Fundamental, em meio a esse cenário nada agradável ao leitor, é perceber que a esperança, ainda, sobrevive no ‘inferno’, em especial no término de vários dos artigos que compõem o livro de Mumia. *Ao Vivo do Corredor da Morte* é, enfim, um manifesto à liberdade, capaz de não deixar nenhum leitor – dotado de mínima sensibilidade humana – indiferente ao mundo de que fala o jornalista Abu-Jamal. Talvez, a declaração do atual presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, Marcos Rolim, de que o sistema penitenciário brasileiro é uma espécie de “reinvenção do inferno”, vale também e muito bem para os Estados Unidos da América.

A prisão, política obviamente, de Mumia Abu-Jamal não é mera coincidência: militante e ativista desde a juventude, o autor era conhecido como a “voz dos sem-vozes”, em função dos programas e reportagens que fazia para a National Public Radio, Mutual Black Network e National Black Network, além dos programas que apresentava diariamente na WUHY e outros espaços jornalísticos. Mumia também era presidente da seção da Filadélfia da Associação dos Jornalistas Negros.

Na madrugada de 9 de dezembro de 1981, Mumia dirigia seu taxi (para

ajudar no sustento da própria família) quando foi baleado, algemado, espancado, preso e, ao que tudo indica, injustamente acusado pela polícia de assassinar um policial norte-americano. Cerca de seis meses depois, ‘julgado’, já estava condenado à morte.

Como revela Edson Cardoni, no posfácio da edição brasileira, além de “selecionar um júri para matar” e negar recursos judiciais constitucionalmente previstos, o cerco implacável contra Mumia não ocorre apenas nos tribunais e na prisão. “Assim que surgiu a primeira edição de *Ao Vivo no Corredor da Morte*, em 1995, a FOP (Ordem Fraternal da Polícia) iniciou uma campanha para proibi-lo. Parlamentares estaduais e federais da Pensilvânia pediram o confisco das receitas provenientes da venda do livro, fornecendo assim uma excelente explicação do que querem dizer com ‘liberdade’ e ‘livre iniciativa’.

“*Ao vivo do corredor da morte*” é desses raros livros que, em meio às mais abusivas agressões aos direitos humanos, é capaz de imprimir ânimo e esperança na forma como o autor fala, a partir de sua trajetória, do sonho de liberdade há séculos defendido e almejado pela comunidade negra que reside no país mais rico do mundo. O texto de Mumia consegue encantar pelo seu modo de dizer... provocando o leitor para repensar esse mundo globalizado e, ainda, pouco democrático! E, assim, desafia o próprio leitor. Afinal, como lembra Jello Biafra, no texto da contracapa, “se não fizermos nada agora, o que aconteceu com Mumia pode acontecer com outras pessoas inocentes, inclusive eu ou você”.

Livro: *Ao vivo do corredor da morte*. Mumia Abu-Jamal. São Paulo, Conrad, 2001. 203p.

Sérgio Luiz Gadini, jornalista, professor universitário no Paraná (slgadini@uepg.br)

15% de desconto para jornalistas

Livraria e Editora do Eleoterio
Rua Amintas de Barros, 140
CEP 80060-200 - Curitiba - Parana
Tel/Fax: (41) 324-0308





Paraná perde Dino Almeida

Arquivo Gazeta do Povo

Os jornalistas paranaenses ficaram de luto no dia 25 de abril, quando perderam o companheiro Dino Almeida, vítima de câncer. Dos 64 anos de vida, 45 foram dedicados ao jornalismo. A carreira dele começou no jornal "A Tarde", em 1955. Passou por diversos jornais, revistas, televisões e rádios. De 1964 até 2001, fez uma coluna diária na Gazeta do Povo.

Dino escreveu 12 livros, entre eles "Mil Pensamentos Preferidos", "Bandeirantes do Progresso", "Sociedade Curitiba" e "Sociedade Paranaense". Além de jornalista, era advogado e relações públicas. Também atuou na política, sendo eleito vereador de Curitiba, exercendo mandato de 1997 a 2000.

Foi casado durante 34 anos com a jornalista Nadyegge Almeida. Deixou quatro filhos e oito netos.



Dino Almeida: 45 anos de jornalismo e 12 livros publicados

notas

Unificação

Nos dias 24, 25 e 26 de abril, Belo Horizonte sediou o SEMINÁRIO NACIONAL DO RAMO DA COMUNICAÇÃO, organizado pela CUT Nacional, com representantes das Federações e sindicatos dos jornalistas, radialistas, gráficos, trabalhadores em telecomunicações e processamento de dados. Dez jornalistas representaram a FENAJ no evento.

O Seminário buscou acelerar o processo de unificação dos trabalhadores das Comunicações, Telecomunicações e Telemática, aprofundando o projeto da CUT de organização por ramo de atividade.

A presidente da FENAJ, jornalista Beth Costa, foi uma das painelistas do Seminário abordando a lei de imprensa.

Lançamento

Jamur Júnior vai lançar o seu

livro sobre a TV no Paraná. O jornalista obteve o apoio de vários deputados que disponibilizaram a gráfica da Assembléia Legislativa para a primeira "fornada" de dois mil exemplares. O livro "Pequena história de grandes talentos" estava pronto para rodar na Imprensa Oficial quando alguns trechos desagradaram o "pessoal do Palácio Iguazu", que imediatamente vetou a publicação.

O caso, que foi matéria do Extra-Pauta passado, sensibilizou políticos e profissionais da imprensa. Será o único livro, até agora, a registrar parte da história da TV paranaense. Sucesso a Jamur, um dos percursores do telejornalismo no Paraná, pela iniciativa e coragem.

O lançamento do livro será dia 29 de maio, no Salão Nobre da Assembléia Legislativa, em Curitiba.

6º Prêmio Sangue Novo de Jornalismo

Entrega do prêmio para os vencedores no dia 30 de maio, às 19h, no Sesc da Esquina, rua Visconde do Rio Branco, 969 - Centro - Curitiba

Apoio: Gazeta do Povo e RPC

tabela de salários

SALÁRIOS DE INGRESSO

Repórter, redator, revisor, ilustrador, diagramador, repórter fotográfico, repórter cinematográfico	1103,83
Editor	1434,98
Pauteiro	1434,98
Editor chefe	1655,75
Chefe de setor	1655,75
Chefe de reportagem	1655,75

Estes são os menores salários que poderão ser pagos nas redações. Os valores da tabela são para jornada de trabalho de 5 horas. O piso salarial da categoria é definido em Acordo Coletivo de Trabalho, Convenção Coletiva e/ou Dissídio Coletivo.

FREE LANCE

Redação	
Lauda de 20 linhas (1.440 caracteres)	59,36
Mais de duas fontes:	50% a mais
Edição por página	
Tablóide	76,80
Standard	92,03
Diagramação por página	
Tablóide	38,40
Standart	52,40
Revista	28,63
(*) Tablita / Ofício / A4	19,53
Revisão	
(*) Lauda (1.440 caracteres)	15,48
(*) Tablóide	32,33
(*) Tablita	24,42
(*) Standard	67,51
Ilustração	
(*) Cor	91,60
(*) P&B	61,06

Reportagem fotográfica - ARFOC

Reportagem Editorial	
Saída cor ou P&B até 3 horas	139,65
Saída cor ou P&B até 5 horas	261,85
Saída cor ou P&B até 8 horas	349,15
Adicional por foto solicitada	26,34
Foto de arquivo para uso editorial	209,48
Reportagem Comercial/Institucional	
Saída cor ou P&B até 3 horas	277,78
Saída cor ou P&B até 5 horas	494,23
Saída cor ou P&B até 8 horas	659,01
Adicional por foto	52,40

Reportagem Cinematográfica

Equipamento e estrutura funcional fornecida pelo contratante	
(*) Saída até 3 horas	76,47
(*) Saída até 5 horas	122,13
(*) Saída até 8 horas	200,75
Adicional por hora	30,53
Foto de arquivo para uso em:	
Anúncio de jornais	453,67
Anúncio de Revista e TV	488,80
Capa de Disco e Calendário	628,46
Outdoor	962,87
Cartazes, Folhetos e Comisetas	314,22
Audiovisual até 50 unidades	663,39
Audiovisual acima de 50 unidades	à combinar
Diária em reportagem que inclui viagem	384,07
Reportagem aérea internacional	à combinar
(*) Hora técnica	61,06

Observações importantes:

A produção (filme, laboratório, hospedagem, transporte, seguro de vida, credenciamento, etc.) é por conta do contratante; Na republicação, serão cobrados 100% do valor da tabela;

A foto editorial não pode ter utilização comercial.

(*) Novidades na tabela em caráter experimental.

Sugestões deverão ser encaminhadas ao Sindicato através do fax (041) 224-9296 ou Correio Eletrônico: sindijor@sindijor.org.br



Novos convênios para jornalistas sindicalizados

CAFÉ CURAÇÃO - Na apresentação da carteira de jornalista, não é preciso pagar a entrada. O bar funciona de segunda à sábado. Na quinta-feira, a entrada é de R\$ 5 para mulheres e R\$ 7 para homens. Sextas e sábados, R\$ 7 para mulheres e R\$ 10 para homens. Os preços podem mudar quando há festas especiais ou outros eventos. Rua Senador Xavier da Silva, 210. Fone 224-6086. O convênio também é válido para o Curação Guaratuba, que só abre nos feriados e durante o verão.

JOCKEY LOUNGE BAR - Na apresentação da carteira de jornalista, não é preciso pagar a entrada. O desconto não será

dado em dias de eventos especiais. Rua Victor Ferreira do Amaral, 2291, Tarumã. Fone 365-5050

AQUÁTICA - Desconto será de 50% na anuidade e 15% na mensalidade, além da isenção do valor da matrícula, que é de R\$ 30,00. O convênio é válido para nataçãõ, musculaçãõ e hidroginástica. Rua Antonio Grade, 563, no Mercês, fone 335-1310

INSTITUTO CULTURAL BRASIL-ARGENTINA Desconto de 50% na matrícula e 30% na mensalidade para os cursos Espanhol Dinâmico Intensivo e Espanhol Dinâmico Semi-Intensivo. Fones: 252-

0332, 254-5006 e 343-6435. Site www.softone.com.br/icba

CLÍNICA SANTA CECÍLIA - Consultas médicas a R\$ 25 em todas as especialidades. Desconto de 10% em exames radiológicos. Odontologia com desconto de 45% sobre o preço da tabela da ABO. Descontos também em exames laboratoriais, fisioterapia e psicologia. Fones: 41 225-2627 e 08004126000.

CIA DO EMPREGO - A empresa oferece empregadas domésticas, diaristas, babás, governantas, cozinheiras e chacreiros. Para jornalistas, 15% de desconto na taxa de contratação. Rua Buenos Aires,

1005, Rebouças. Mais informações e horário de funcionamento (inclusive aos domingos), 41 322-2068/322-5586.

PREVIDÊNCIA PRIVADA - Desconto de 40% na primeira parcela dos planos Crescer ou Investida, da Vera Cruz Vida e Previdência, desde que seja confirmado o pagamento da segunda parcela. Contato com agente corretor Luiz Ribeiro da Fonseca Filho. Fones: (41) 9129-3523

PSICOLOGIA - Dionéia Roza, psicóloga, CRP 08/08144-7. Desconto de 42% no valor dos honorários. Fones: (41) 363-7037 e (41) 9982-4215 Rua Dr. Faivre 750 - sala 1006 - Centro

SORTEIO!!!

Inscreva-se no Sindicato (41) 224-9296 ou sindjor@sindjorpr.org.br e concorra a um desconto de R\$ 99 na assinatura da Directv. O preço normal da assinatura (sem desconto) é R\$ 299. Sorteio no dia 01/06. Somente para quem está em dia com o Sindicato.

mais convênios

BARES & RESTAURANTES

Bar Brahma - Desconto de 10%, apenas para o portador da carteira de jornalista. (Av. Getúlio Vargas, 234, esquina com R. João Negrão, fone 224-1628)

Shima Restaurant - Desconto de 10%. (R. Pres. Taunay, 892, fone 224-3868).

Monsenhor Fast Grill - Desconto de 15%. Aberto de 2ª a 6ª para o almoço. (R. Monsenhor Celso, 270 - Centro)

ACADEMIAS

Academia Kine - Ginástica com orientação, Nutrição e Fisioterapia. Desconto de 20%. R. Mauá, 706 B, Alto da Glória. Fone 253-3841. Funciona das 8 às 20h30min todos os dias.

CURSOS

Centro Cultural Brasil Portugal - Desconto de 10%. Cursos de português e de literatura brasileira e portuguesa. Rua Paula Gomes, 325 - Centro. Fone 232-5406.

Microcamp Mercês - Desconto de 30% para o Curso integrado Teens e 10% para o

curso VIP, além de 5% de desconto no caso de promoções em que os descontos já mencionados sejam concedidos a todos os alunos.

SAÚDE

Good Life - Serviços de Odontologia, Medicina, Fonoaudiologia, Fisioterapia, Psicologia e Massote-rapia. Descontos e tabelas espe-ciais, de acordo com sua neces-sidade. Endereços: R. Padre Agos-tinho, 2800, fone 335-4362 (Odonto e Fono); Av. Silva Jardim, 266, fone 233-2577 (Fisio); R. Padre Anchieta, 1826, 2º andar, conj. 212, fone 335-5954 (Medicina) e R. Princesa Isabel, 927, fone 233-3192 (Psico e Massoterapia).

Ao Seu Alcance - A Clínica Odontológica Ao Seu Alcance oferece serviços com até 30% de descontos na tabela do Conselho Regional de Odontologia. R. Voluntários da Pátria, 475/conj. 301-A, fone 232-0166.

Psicologia Infantil e Psiquiatria - O psiquiatra Vítório Ciupka e as psicólogas infantis Suzane Ciupka e Denise Ciupka Yamagutt oferecem

descontos especiais para os jornalistas. Mais informações pelo telefone 41 336-7308.

Consultório de Psicologia - Al. Princesa Isabel, 420 - Centro - Curitiba/ PR. 50% de desconto no preço da consulta, na apresentação da Carteira de Identidade de Jornalista. Atendimento psico-terapêutico individual de adultos e adolescentes. Mais informações: 41 223-7748 e 233-7074.

Vitale Consultórios Integrados - rua Visconde de Rio Branco, 1335, conj 92 - Centro. Preço especial para jornalistas na apresentação da Carteira de Identidade de Jornalista R\$ 17 a consulta de fisioterapia, de fonoaudiologia e de musicoterapia também oferece desconto para consultas de psicologia. Mais informações: 41 233-1107

Centro Médico Dr. Bernardo - rua Voluntários da Pátria, 61 1º andar. Consulta R\$ 25,00. Exames complementares seguirão a tabela da AMB. Atende Clínica Geral, Ginecologia, Obstetrícia, Pediatria, Dermatologia,

Psicologia, Dermatologia e Oftalmologia (inclusive lentes de contato). Mais informações: 41 232-0392.

OUTROS

Rafael Corretora de Seguros - rua Jorge Barbosa, 65, Ahú Além de descontos promocionais nos valores dos seguros, os jornalistas terão desconto de até 50% na franquia em oficinas credenciadas da Seguradora. Válido também para cônjuges, filhos e pais de jornalistas. Mais informações: 41 353-7350, 352-6034 e 9119-7758 com Mirtes.

Rede de Hotéis Hospedare - Haverá desconto no preço da diária, de até 30%. Os valores e os hotéis conveniados podem ser consul-tados no Sindicato, pessoalmente ou pelo fone 224-9296. Mais infor-mações: www.hospedare.com.br hospedare@hospedare.com.br e (41) 228-1900

Ecco Salva -Preço promocional de R\$ 9,66 por pessoa. Confira encarte nesse jornal. Mais informações com Sandra (41) 340-8621 e (41) 9603-0297.

Estudantes já podem fazer pré-sindicalização

O Sindicato dos Jornalistas começou na semana passada a inscrever os primeiros estudantes no programa de pré-sindicalização. A anuidade é de R\$ 12 e dará acesso a serviços do sindicato, como uso da biblioteca, convênios, promoções e festas. O pré-sindicalizado vai receber em casa o jornal Extra-Pauta e demais publicações da entidade. Para usufruir desses benefícios, os estudantes receberão uma carteira expedida pelo Sindicato.

A pré-sindicalização é aberta a estudantes de todos os períodos dos cursos de jornalismo do Paraná. Para efetuar a filiação é necessário o comprovante de matrícula, o preenchimento da ficha de pré-sindicalização e o pagamento da anuidade.

Os convênios já disponíveis para os pré-sindicalizados são os seguintes: Academia Aquática, Academia Kine e Instituto Cultural Brasil-Argentina. O Sindicato está em negociação com empresas para oferecer mais convênios aos estudantes.

Para usufruir dos convênios, é necessário apresentar a carteira de jornalista (Fenaj)